



Bloco e caneta nas mãos

Rotina pela busca da notícia leva jornalistas ao excesso de trabalho e ao descuido com a saúde

pág. 06



Primeiro ginásio coberto do Acre é esquecido pelo poder público



pág. 08



Restaurante Universitário da Ufac recebe média de 22 mil pessoas por mês



pág. 05



Acreanos investem em segurança particular

Câmeras, grades, cercas elétricas são algumas das opções usadas pelos cidadãos

pág. 03

OPINIÃO

EXPEDIENTE

A Catraia

Jornal Laboratório do
Curso de Comunicação Social/ Jornalismo

Editor: Maria de Fátima Bandeira

Textos e imagens

Caio Campos

Lidson Almeida

Maria Auxiliadora Nascimento

Naliny Arantes

Nathacha Albuquerque

Olímpia Souza

Paulo Ponttes

Priscila Thays

Quésia Melo

Rebeca Barbosa

Rita Pontes

Rosemeire Campos

Saimo Martins

Stael Maia

Tiago Teles

Valéria Santana

Walcimar Silva

Wanessa Souza

Wemefran Rocha

Diagramação

Daniel Dias e Emanuely Falqueto

Docente Responsável

Francielle Modesto

Universidade Federal do Acre

Reitor: Minoru Martins Kinpara

Vice-reitora: Guida Aquino

Centro de Filosofia e Ciências Humanas

Diretor: Jacó Piccoli

Coordenação do Curso de Jornalismo

Coordenadora: Aleta Dreves

Campus Universitário

BR 364, Km 04 – Distrito Industrial
CEP 69.920-900

Bloco Walter Félix Souza II

Rio Branco – Acre

(68) 3901-2667

jornalismo@ufac.br

acatraia.blogspot.com

Editorial

Jornalismo, tempo e saúde

A profissão de jornalista se tornou uma das mais prejudiciais ao bem estar de quem se dedica a esta carreira. Mesmo podendo atuar nas áreas de rádio, TV, jornal impresso, jornal online ou em assessoria, o excesso de trabalho é o mesmo, e muitos profissionais, ao se dividirem em uma rotina cheia de ocupações, acabam descuidando de sua própria saúde.

O tempo é o principal elemento contrário aos jornalistas. A pressão por informar em primeira mão, as várias pautas, o material para ser editado ou, no caso das assessorias, os eventos e coletivas que não são fáceis de serem organizados, mostram que a cobrança em todos os setores é cada vez maior. Com o passar do tempo, o desgaste do profissional vai aumentando e este se torna mais vulnerável a depressão, doenças mentais,

desequilíbrio emocional, entre outros problemas.

Esse cenário pode estar diretamente relacionado aos baixos salários em relação às horas trabalhadas, a diminuição do número de pessoas nas redações e a necessidade do profissional de dominar muitas habilidades no dia a dia do seu trabalho. Além disso, a não regulamentação desvalorizou a profissão no mercado.

É importante lembrar que, além da questão da saúde, a falta de tempo faz com que muitos temas de relevância não sejam discutidos com o enfoque adequado, já que o jornalista não dispõe de subsídios para se debruçar no assunto e oferecer um olhar mais diferenciado.

Assim, a valorização do jornalista, com melhores condições de trabalho, horários e funções regulamentados, além de um salário mais digno, são fatores imprescindíveis para que o profissional tenha uma qualidade de vida maior e até mesmo para que suas pautas sejam mais interessantes e aprofundadas.

Crônica

Vida de estudante

■ Maria de Fátima Bandeira

Que a vida não está fácil para ninguém, isso a gente já sabe. E a vida do estudante não é nem um pouco diferente. É tudo tão difícil. Primeiro, vem o sonho. Você sabe que poucos conseguem realizá-lo, mas por uma razão desconhecida, você continua sonhando.

Depois, vem uma série de processos, como o questionamento dos outros sobre sua escolha, a expectativa dos pais e, principalmente, aquela perguntinha martelando em sua cabeça: será que vou conseguir? Mal sabe você que esta será uma pergunta constante durante toda a sua vida.

Aí começam as renúncias, que se estendem desde festas e passeios até a falta de atenção a família, amigos e namorado. As provas e trabalhos da faculdade se multiplicam por mil. O cansaço bate, sua mente se enche de informações e todos reclamam que você está estressado. Você poderia seguir pelo caminho mais fácil, curtir toda sua juventude intensamente, viver para você e para o mundo, mas não, você segue sonhando

com sua futura profissão. Isso, quando dá tempo, porque são muitos os dias em que se tem que ficar acordado estudando até tarde e tendo que acordar cedo, para cumprir com outra tarefa: o trabalho.

Já percebeu como é complicado trabalhar e estudar? Quem passa por isso sabe bem. Existem três motivos para alguém trabalhar e estudar ao mesmo tempo: primeiro a necessidade, logo depois, a vontade de adquirir experiência e, por último, a independência financeira. Mas não é nada fácil passar o dia todo trabalhando e a noite ainda ir para a faculdade, com um monte de trabalhos para fazer.

Mas nem tudo é tão ruim. No fundo, a gente gosta dessa falta de tempo. Gostamos de ir para a faculdade, conhecer pessoas novas diariamente no emprego, de ser desafiado, de aprender sempre. A pessoa vai ficando dependente, meio viciada com essa vida agitada. Na universidade, quando tem um mês de férias, já fica louquinho para voltar. Bate uma saudade, as noites parecem meio vazias. Dá uma vontade de encontrar os amigos, ver os colegas das novas turmas, os professores. Vai dando até uma vontade maior de estudar, até das inúmeras apostilas você sente falta...

Claro que é só vontade. As férias passam, você volta para a faculdade, revê as provas, as leituras, as aulas, os prazos curtos, o aperto para conciliar tudo. A saudade vai embora e começa tudo outra vez.

Artigo de opinião

A tecnologia na sala de aula

■ Maria de Fátima Bandeira

Criados pela Secretaria Estadual de Educação, os Núcleos de Tecnologia Escolar (NTE), se configuram num importante setor para capacitação dos professores da rede pública de ensino quanto à utilização da tecnologia na sala de aula. Atualmente, boa parte das informações é obtida pela internet e, com a utilização das redes sociais, todos que têm acesso ao “mundo virtual” buscam uma interação e troca de informações cada vez maior.

Assim, é importante que esse tipo de tecnologia também esteja presente na sala de aula. A internet oferece suporte aos professores, que nela podem encontrar vídeos, textos, fotos, jogos educativos relacionados aos temas trabalhados na escola, enriquecendo o aprendizado dos alunos.

O Núcleo de Tecnologia Escolar oferece os

cursos de Introdução a Educação Digital e Ensinando e Aprendendo com as TICs (tecnologias de informação e educação). É importante promover a inclusão digital dos professores do ensino público, oferecendo conteúdos adequados para a sala de aula, pois, quando estes se tornarem multiplicadores do conhecimento adquirido, podem indicar aos alunos os melhores conteúdos que devem ser acessados.

Além disso, as aulas, antes restritas somente aos livros, cadernos, giz e quadro negro, se tornam menos cansativas, mais interessantes e dinâmicas. São várias as ferramentas que podem ser adotadas: textos complementares passados por email, vídeos relacionados ao assunto que está sendo trabalhado, ou até mesmo as redes sociais, cujos temas que são compartilhados diariamente pelos usuários podem ser discutidos pelos alunos.

Dessa forma, as tecnologias devem ser vistas como novos instrumentos que facilitam o trabalho do professor e permitem maior interação com o aluno. A melhoria da qualidade do ensino público passa também pela adoção de diversos instrumentos que trazem mais conhecimento de maneira diferenciada.

CIDADE

Acreanos investem em segurança particular

Câmeras, grades, cercas elétricas são algumas das opções usadas pelos cidadãos

■ Lidson Almeida e
Caio Campos

Com o aumento da criminalidade em todas as cidades do país, principalmente nas capitais, já se tornou comum que a população busque uma solução para diminuir os riscos que correm diariamente. Uma das soluções encontradas foi o mercado de segurança privada, um setor em crescimento no Brasil.

No Acre, os números apontam que o estado ocupa a nona posição na lista de lugares com baixa taxa de homicídios, segundo o Anuário do Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP). Com isso, a população em geral tem recorrido a câmeras, grades, cercas elétricas e segurança pessoal.

Dados obtidos através do Sistema Integrado de Gestão Operacional da Secretaria de Estado de Segurança Pública revelam que no Acre, a criminalidade apresenta uma variação nos registros de boletins de ocorrência de furto e roubo entre 2012 e 2013. De janeiro a março deste ano, houve uma diminuição no número de furtos registrados. Foram 315 casos a menos.

Diferente do que qualifica o furto, o roubo é caracterizado quando alguém toma algo de outra pessoa e usa de violência física ou ameaças para tomar o bem do outro. No caso deste

delito, no mesmo período, houve uma diminuição de cerca de 39 casos a menos deste crime.

Segurança paga

José Rodrigues tem um comércio em um mercado municipal de Rio Branco e já foi roubado algumas vezes. Visivelmente irritado com o sentimento de insegurança, o empresário relata que os roubos aconteciam durante a noite, período em que o mercado deveria estar fechado e sem fluxo de pessoas. “O ladrão entrava por uma pequena brecha e levava dinheiro e mercadoria”, explica o comerciante.

O comerciante procurou a administração do mercado que não conseguiu sequer pedir reforço policial. “Pensei em colocar câmeras para tentar flagrar o ladrão e mandá-lo prender, mas não tenho certeza se adiantaria. Em poucas semanas, ele estaria solto e quem correria risco seria eu, então resolvi tapar a brecha por conta própria e os roubos pararam”, desabafa.

Entre grades

O empresário Antônio Fuentes, 54, tem um restaurante na capital do Acre e confessa ter muitos problemas com roubo, realizados pelos próprios funcionários da empresa. “Já investi em câmeras, segurança para o

restaurante, alarmes e outros aparelhos, mesmo assim, fui roubado várias vezes, até descobrir que o autor dos roubos era um funcionário”, relata o empresário.

O dono do restaurante afirma que quanto a isso, a única coisa que pode fazer é tentar analisar melhor os funcionários que contrata, pois, a mão de obra é necessária e não se pode julgar ninguém por aparência. “Já investi muito dinheiro em grades para evitar os roubos no meu estabelecimento, me sinto um preso na minha própria casa”, revela.

O comerciante Raimundo Moura, proprietário do quiosque “Je-

sus Maria José”, no bairro Sobral, denunciou que teve seu comércio arrombado três vezes. Ele foi roubado três vezes em menos de uma semana. “Os ladrões agem na madrugada. O cadeado da porta foi quebrado usando um cano de ferro e um pé de cabra improvisado. Os ladrões deixaram as ferramentas no local”, conta Moura.

Além desse, outros casos de arrombamentos seguidos de roubo acontecem quase que diariamente por todo o centro comercial do bairro Sobral. A maioria dos crimes não chega ao conhecimento da polícia, pois os comerciantes não registram a ocorrência.

FOTO: LIDSON ALMEIDA



O comércio de seu José fica dentro de um mercado municipal. O empresário foi roubado no horário em que o mercado estava fechado.

Detalhe: Com tábuas, o microempresário José Rodrigues fechou a brecha por onde o ladrão passava.

Núcleo de Tecnologia Escolar oferece cursos profissionalizantes para professores

O programa ensina o uso de novas mídias para professores atraindo a atenção dos alunos

■ Wanessa Souza

Os Núcleos de Tecnologia Escolar (NTE) oferecem cursos profissionalizantes que preparam e incentivam os professores a utilizar meios tecnológicos. O objetivo é enriquecer os conteúdos nas salas de aula, além de fomentar a inclusão digital, tanto por alunos quanto por professores.

A cada início de ano letivo, o NTE oferece às escolas os cursos de Introdução e Educação Digital, Ensinando e Aprendendo com as Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs), e projetos. A equipe gestora

juntamente com os professores, escolhem o curso que querem adotar na escola de acordo com a realidade desta. Através dos cursos, o professor é incentivado à utilização dos equipamentos tecnológicos existentes na instituição de ensino.

“Desde laboratórios de informática, rádio, uso de data show, netbooks, como trabalhar com PowerPoint, utilização de e-mails em sala de aula, tudo isso são opções para o professor, e ele escolhe e adapta da forma que preferir em sua disciplina, para o propósito que ele quer chegar em sala de aula. Mas nada é imposto ao professor. É oferecido e ele adere se qui-

ser”, explica Lúcia Meireles, uma das multiplicadoras do Núcleo no estado.

As orientações em sua maioria são dadas através do site do NTE de cada estado (nte.see.ac.gov.br), com aulas via internet, o que também leva comodidade aos docentes. Sônia Galvão, professora da escola Diogo Feijó, afirma que esse tipo de estímulo melhorou muito o ensino em sala. “Mesmo que o uso das mídias faça parte do cotidiano de cada um deles, a aula deixa de ser cansativa e se torna dinâmica e interessante”, afirma.

“Sem sombra de dúvida que ter a tecnologia como aliada no ensino é excelente, os cursos nos ajudam

bastante, o aluno se interessa mais pelo conteúdo, mas precisamos de mais orientações. Eu particularmente sinto essa necessidade de ter uma especialização a mais nessa área da tecnologia para trabalhar, como por exemplo, montar materiais multimídias, jogos educativos para que eles pudessem aprender melhor”, afirma a professora do oitavo ano, Maria Ducicléia.

Na visão da multiplicadora do NTE, Lúcia Meireles, o trabalho desempenhado pelo núcleo é muito importante, já que faz parte da meta governamental de melhorar a qualidade do ensino e da aprendizagem.

“Eu percebo que o interesse em estudar de grande parte dos alunos aumentou sim. É diferente de como era antes, acho que por isso atrai nossa atenção. Eu gosto muito quando os professores acrescentam novidades nas aulas, ajuda bastante o aluno”, afirma Juliana Lopes, aluna do primeiro ano do ensino médio.

SOCIEDADE

Homossexualidade divide opiniões na sociedade

Apesar das lutas e das conquistas, homossexuais ainda são vítimas de preconceito

■ Naliny Arantes
Saimo Martins
Priscila Thays

Duas mulheres sentadas em uma mesa de bar conversam, dão gargalhadas, brincam e falam ao telefone. Aparentemente parecem duas amigas, mas não são. As duas moças formam um casal homoafetivo. Entre conversas e drinques, o semblante de carinho e ternura toma conta do ambiente. Cada olhar, cada carícia entre as duas namoradas incomodam algumas pessoas a volta do casal.

O exemplo citado anteriormente é a expressão clara do preconceito vivenciado pelos casais do mesmo sexo. Apesar da discriminação, esses casais lutam pela felicidade de estarem juntos e serem aceitos no meio social.

A universitária Yngrid Moraes

se assumiu homossexual em 2010, quando saiu da casa dos pais e foi morar com sua parceira. Ela explica que no início sofreu muito preconceito, principalmente dentro da família. “Ninguém queria aceitar a minha opção sexual, começando dentro de casa pela minha família, mas com o passar do tempo eles acabaram se conformando”, desabafa a estudante.

O acadêmico de engenharia florestal, John Souza, também compartilha a mesma opinião da estudante. “Se você não souber estabelecer limites e não se restringir ao seu espaço, a sociedade vai te rotular e zombar da gente”, diz o estudante.

Segundo Germano Marinho, diretor do Centro de Referência LGBT do Acre, em Rio Branco não há uma estatística que mostre a quantidade de casais e pessoas homossexuais. “A gente não possui estatísticas sobre a quantidade de casais homoafetivos aqui no Acre. Esse público não gosta de mostrar suas preferências sexuais. Eles preferem interiorizar esse sentimento”, afirma o diretor.

A Associação de Homossexuais do Acre (Ahac) é o referencial dos casais homoafetivos e solteiros. Com os movi-

mentos sociais, eles lutam contra o preconceito mostrando que também são partes da sociedade. Em 2010, a Ahac conquistou uma unidade de atendimento que trata especificamente das temáticas homossexuais, o Centro Temático LGBT do Acre.

Além do Centro e da Associação, a capital acreana possui pontos de encontro com a finalidade de atender esse público específico. Destaca-se o bar e boate Help que funciona há pelo menos 12 anos, a boate K entre nós e o barzinho A2. Esses lugares também estão abertos para demais interessados em frequentar o local.

Divergências

Apesar das muitas conquistas e lutas pelos direitos de igualdade e contra o preconceito, ainda há muita gente que não concorda com a relação entre pessoas do mesmo sexo. O padre Mário Peira aborda o assunto a partir dos princípios religiosos. “A igreja católica considera pecado não fazer a vontade de Deus, mas a consciência humana tem o poder de decidir o que é certo e errado”, disse o padre.

O sacerdote segue uma doutrina baseada na Bíblia. Para ele, Deus criou o sexo para procriar e fazer famílias. “Homem com homem e mulher com mulher não geram vidas”, afirma Peira.

Para o funcionário público e espírita, André Luiz, o antepassado pode explicar sobre a vida presente de uma pessoa. “Dentro da minha religião,

eu acredito em possibilidades. E em alguns casos, o ser humano nasce homossexual devido, por exemplo, um estupro que ele sofreu na sua vida passada.

E este fato reflete na vida presente, com o novo comportamento, o novo estilo de vida, que é de ser homossexual”, assegura.

Luiz Carlos Bandeira é psicólogo e afirma que a homossexualidade não é vista como algo que seja errado no ser humano. “O homossexual não é doente. Essa pessoa tem apenas um estilo de personalidade. Cada um vai ter o tipo de sexualidade que julgue para si pertinente”, ressalta Bandeira.

O psicólogo diz ainda que o comportamento gay incomoda muitas pessoas no meio social. “A sociedade costuma excluir tudo o que é diferente para ela”, diz. Bandeira afirma que alguns grupos não aceitam os homossexuais porque não lidam bem com o que é diferente deles. “Não é a toa que alguns grupos radicais como os skinhead, punks assassinam gays e não aceitam uma sociedade com suas diferenças. Para esses grupos, o homossexual incomoda bastante pelo jeito de ser e esses grupos radicais tentam eliminá-los da sociedade”, diz o psicólogo.

O professor Francisco da Silva explica que lutou muitos anos para assumir publicamente sua homoafetividade, pois tinha medo de perder o respeito da família e ser julgado pela igreja. “Hoje tenho o meu espaço, sou respeitado no meu trabalho e não preciso me esconder das pessoas”, explicou o professor com a expressão de alívio. Para ele, o medo, a insegurança e o preconceito são sensações difíceis e prejudicam as decisões dos homossexuais.

Polêmica

No mês de março de 2013, o pastor Marcos Feliciano foi eleito presidente da Comissão de Direitos Humanos. Após a eleição, vários representantes e populares se indignaram quanto à conduta do deputado. Em uma reportagem concedida pelo pastor em junho de 2012 para o livro “Religiões e política: uma análise da atuação dos parlamentares evangélicos sobre direitos das mulheres e LGBTs no Brasil”, Feliciano deixa claro a sua posição contrária à união homoafetiva. A opinião do pastor em relação aos homossexuais e também aos negros foi considerada por um grande número de pessoas, principalmente nas redes sociais, como sendo preconceituosa.



Stéfano Duarte é contra o pastor Marcos Feliciano e já fez protestos em grupos contra o parlamentar.



Yngrid tem o apoio da família e se diz feliz por ser homossexual assumida.

Restaurante Universitário da Ufac recebe média de 22 mil pessoas por mês

Projeto para 2013 visa instalação de catracas eletrônicas

■ Maria Auxiliadora Nascimento
Olímpia Sousa

O Restaurante Universitário (RU) recebe uma média de 22 mil pessoas por mês, entre alunos, professores, funcionários e visitantes, no campus da Universidade Federal do Acre (Ufac). O restaurante servia duas refeições diárias, almoço e janta, mas desde o dia 7 de janeiro de 2013, o RU passou também a servir café da manhã.

O RU inaugurou em 1982 e já passou por várias modificações, segundo a coordenadora e chefe do setor de alimentos, Elza de Fátima Dias. "Antes o restaurante era de madeira. Hoje é em alvenaria. O serviço era todo manual, agora é tudo elétrico. Temos desde frigorífico a máquina de lavar bandeja", afirma. A alimentação é balanceada e controlada pelo nutricionista, Raphael de Lima.

A acadêmica Adiléia de Lima, que cursa Letras Inglês, almoça três vezes por semana no restaurante e diz estar satisfeita com a comida. "Há dois anos atrás, a comida era bastante ruim, agora já melhorou muito".

A quantidade de alimento que é servida é balanceada, segundo a coordenadora Elza de Fátima, mas há quem ache insuficiente, caso da estudante de enfermagem, Fernanda Araújo. "É pouco, a quantidade de comida e preciosa de mais variedades", diz.

Professor de física na escola Armando Nogueira, Ricardo de Souza Araújo, mora no Rui Lino e almoça

todos os dias no restaurante. "A quantidade é aceitável e o preço acessível para mim que sou visitante, mas para os acadêmicos acho um pouco cara, pois há dias que servem apenas ovos", ressalta.

Novo projeto

Segundo o Diretor de Assuntos Comunitários (DAC) em exercício, José Pedro Martins, o dinheiro arrecadado através da compra da ficha de alimentação é depositado na conta da Ufac e usado para a compra de novos alimentos. "Não há elevação de preço das refeições, por haver subsídio federal", ressalta o diretor. Martins destaca ainda que há um projeto para a instalação de catracas eletrônicas em 2013. Elas funcionarão semelhantes às recargas de passe escolar, para compra de fichas de alimentação.

O RU conta com 24 funcionários, 13 terceirizados e 11 fixos sendo que seis deles estão afastados por motivo de saúde. O funcionamento é de segunda a sexta-feira. O café da manhã é servido de 6h às 8h, o almoço de 11h às 14h e o jantar de 18h30min às 20h.

É cobrado a cada refeição o valor de R\$ 1,50 para alunos, R\$ 3,00 para funcionários e R\$ 5,00 para visitante.



A alimentação é balanceada e controlada pelo nutricionista Raphael de Lima



O RU conta com 24 funcionários e funciona de segunda a sexta-feira

FOTOS: MARIA AUXILIADORA

O restaurante, que antes servia duas refeições diárias, agora também serve café da manhã



CAPA

Bloco e caneta nas mãos

Rotina pela busca da notícia leva jornalistas ao excesso de trabalho e ao descuido com a saúde

■ Tiago Teles
Stael Maia
Rebeca Barbosa

É cedo, por volta das oito horas da manhã, mas a redação do jornal local já está agitada. Uns fazem ligações, outros entram e saem trazendo novidades e fatos que provavelmente virarão uma notícia no decorrer do dia. É cedo para saber. O editor geral entra na sala, convoca todos. Começa a reunião de pauta. Quem tiver o melhor assunto ou souber defender melhor sua pauta, encara ainda a missão de correr em busca das informações, das fontes, das fotos. É preciso criar o texto.

Quase meio-dia e a correria continua. O café já esfriou, no televisor o jornal local. O jornalista não para, entra e sai em busca de informações. Faz de tudo para conseguir escrever o melhor texto, levar ao público o melhor material e, claro, conseguir entregar isso tudo a tempo de passar para o paginador e ver sua matéria no dia seguinte em todas as bancas.

É em meio a essa rotina, que as coisas mais imprevisíveis acontecem. A fonte pode desmarcar, o evento pode ser adiado, a foto pode não ficar legal e o seu editor pode decidir mudar sua pauta no meio do processo. Tantas exigências, cobranças e obrigações fazem parte da vida de muitos jornalistas que, seja por paixão ou necessidade, trabalham em redações de jornais em todo mundo.

Rotina

Ao longo do tempo e somando as inúmeras reuniões de pauta, em busca de realizar a reportagem, o que fica além da experiência e das relações de trabalho, são os danos causados por uma rotina desregrada e intensa, que por vezes debilita o profissional responsável por transmitir as notícias.

Segundo o psicólogo José Roberto Heloani (Unicamp), na última década os jornalistas brasileiros se tornaram mais sujeitos a pressão por causa de situações de trabalho, tornando-se mais vulneráveis ao assédio moral e

sexual, além de outras condições capazes de produzir desequilíbrio emocional e doenças mentais.

O psicólogo realizou uma pesquisa ao longo de um período de dez anos e trabalhou com uma amostragem de 250 jornalistas, analisando aspectos como saúde mental, identidade e subjetividade e reação a situações estressantes. Durante o estudo, foram encontrados, na maioria das redações, profissionais trabalhando em estado de pré-exaustão ou total exaustão.

Heloani conta que a dedicação que o jornalista precisa ter para se manter no emprego, o transforma em um indivíduo passivo diante de circunstâncias indignas de trabalho. “Você precisa ter muita coragem para fazer uma denúncia formal de assédio se quiser permanecer no mercado. A pessoa pode até pensar em mudar de área, ir para assessoria ou área acadêmica, mas nenhuma alternativa é fácil”, relata o pesquisador.

Ainda segundo a pesquisa, nos últimos dez anos houve um aumento de cerca de 25% na quantidade de jornalistas diagnosticados com doenças psicossomáticas como depressão, síndrome do pânico e transtorno bipolar. Em muitos casos, a carga horária dos jornalistas, que deveria ser de cinco horas diárias, pode ultrapassar dez horas. O que, de certa forma, justifica o crescimento do número de profissionais da área com esse tipo de doença.

Mas esse desgaste não é uma exclusividade do profissional do jornalismo, é o que afirma o psiquiatra José Roberto Bertoncini. Segundo o médico, quem trabalha diretamente com o público está mais vulnerável às doenças de origem psicológica. Por isso, é importante conhecer bem a profissão e ter certeza do que quer antes de optar por determinadas áreas para trabalhar.

“As pessoas fazem concurso para professor, por exemplo, e depois, quando começam a se estressar com os alunos, vão pedir atestado médico que diga que não podem mais trabalhar em sala de aula. Se essas pessoas



não querem lidar com o público, não devem prestar concurso para essa área e sim para o setor administrativo”, conclui o profissional.

Segundo Surama Chaul, jornalista há 22 anos, independente de redação, o trabalho do profissional do jornalismo é estressante em função da rapidez em que a notícia precisa ser dada. “Já trabalhei em praticamente todos os veículos: rádio, TV, jornal, revista e assessoria e posso garantir que a cobrança é geral”, comenta a profissional que, após anos de redação, trabalha atualmente com assessoria de comunicação.

Surama conta que essa área de assessoria também é extremamente exaustiva, pois exige cuidado em identificar o que é bom ou ruim para o assessorado, além da desvalorização do profissional. “A pressão é grande e o jornalista na maioria dos casos, não é reconhecido e nem remunerado de forma justa pelo seu trabalho”, ressalta.

Desgaste da redação

O desgaste do jornalista ao longo do tempo é algo perceptível. Segundo a jornalista Golby Pullig, que possui mais de 20 anos de atuação, não é possível generalizar, mas a pressão sofrida por jornalistas nas redações é real e, ao longo dos anos, pode resultar em descuidos com a própria saúde, uso de drogas, álcool, ganho de peso e instabilidade de humor.

“Podemos atribuir isso ao acúmulo de atividades profissionais, salários baixos ou atrasados, nível exagerado de competição em alguns casos, incompreensão por parte dos superiores, direitos trabalhistas suprimidos, falta de valorização do profis-

sional”, comenta a jornalista.

Outro fator que causa desconforto ao jornalista é ter que lidar com as diferentes chefias dentro do veículo de comunicação. Segundo Diego Gurgel, que trabalhou durante cinco anos em um dos maiores jornais do Acre, era complicado conviver com três chefes, de diferentes editorias, pois o ambiente de trabalho mudava de acordo com a personalidade de cada um.

Diego conta que a pressão quanto aos horários, férias e ausência por motivo de doença, também gerava problemas. “As cobranças eram muito fortes em relação aos horários. No horário do almoço, a situação foi se agravando até o ponto de termos que almoçar na própria redação, para aproveitar ao máximo a presença do profissional”, relata o repórter fotográfico.

Mesmo com a negação de alguns e a omissão por parte dos chefes, diretores e coordenadores, a qualidade de vida do jornalista tem diminuído. Soma-se a isso o perigo atribuído à atividade de comunicação do Brasil. Segundo o jornal O Estado de S. Paulo, a situação brasileira é pior que a do Afeganistão, Iraque ou Gaza, pois em 2012 o Brasil se transformou no quarto país mais perigoso para se trabalhar como jornalista no mundo, de acordo com dados divulgados em 2012 pela Campanha Emblema para a Imprensa.

Entre os mais de 89 mil jornalistas em todo Brasil (segundo dados da Fenaj de 2010), a rotina pode não ser a mesma, mas como diz Golby, a tentativa de provar habilidades e competências gera ansiedade e é possível sentir os efeitos e perceber isso nos colegas de redação. “O deadline, a linha mortal, o limite dos nossos limites é tão tênue e muito urgente”, conclui a jornalista.



Segundo a jornalista Golby Pullig, a pressão sofrida por jornalistas nas redações é real e pode resultar em descuidos com a própria saúde.



O psicólogo José Roberto Heloani diz que os jornalistas brasileiros se tornaram mais sujeitos a pressão por causa de situações de trabalho.

CULTURA

Projeto Mãos de mulheres incentiva a produção de arte

Por intermédio do artesanato, mulheres de Xapuri superam violência doméstica e ganham valorização do seu trabalho

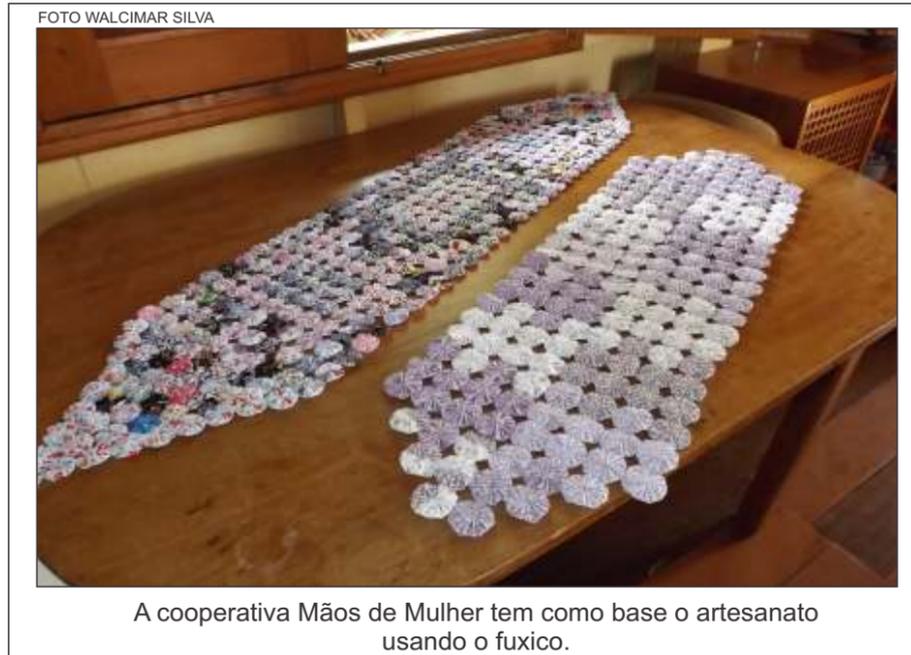
■ Quésia Mello
Walcimar Junior

Na parede marcada pelo tempo, uma pequena placa de madeira tem talhada a frase "Cooperativa Mãos de Mulher". No casarão em Xapuri, máquinas de costura antigas, linhas, alfinetes, botões, palhas de milho trançadas, tecidos, sementes e couro vegetal, dividem espaço com as mulheres e suas mãos talentosas. Algumas delas foram vítimas do preconceito dos pais e da violência dos maridos.

Na entrada, todos são convidados a tirarem os sapatos antes de pisar no piso vermelho encerado. Enquanto as máquinas de costura trabalham, a freira Ignez Gambin, presidente da cooperativa, guia os visitantes. A maioria deles é de turistas dos mais diferentes lugares. "Foi engraçado quando apareceu um holandês aqui e ninguém entedia nada do que ele falava. Mesmo assim levou quase mil reais em tapetes, bolsas e colchas de fuxico", lembra Ignez.

A Cooperativa "Mãos de Mulher" foi fundada oficialmente em dezembro de 2005, com vinte e duas artesãs. Entretanto, as que hoje fazem parte do projeto, já se reuniam para conversarem enquanto faziam objetos artesanais. Segundo a coordenadora Gelsilene da Silva, durante o processo de criação da cooperativa foram feitos cursos de formação de cooperativismo e encontros para que as artesãs trocassem experiências.

Com a documentação organizada, as artesãs precisavam de um lugar para se estabelecer. Um espaço grande que pudesse ocupar as máquinas de costura e os materiais que seriam usados. "A história desse prédio é engraçada. A irmã Inês ficou responsável por cuidar do lugar depois que um casal de italianos amigos dela precisou viajar. Quando eles volta-



A cooperativa Mãos de Mulher tem como base o artesanato usando o fuxico.

ram, já estávamos aqui e não tivemos coragem de nos tirar", comenta a coordenadora.

Qualquer mulher interessada pode participar do grupo. Segundo Ignez basta que a mulher preencha uma ficha e esteja de acordo com o estatuto da cooperativa. "É preciso que essa mulher entenda que apesar de abrirmos apenas um turno, ela precisa respeitar os horários", diz. A presidente da cooperativa esclarece ainda que é necessário que a artesã produza bastante material. "Somos uma empresa de produção, trabalhamos com encomendas e precisamos cumprir prazos. A cooperada precisa estar ciente disso", ressalta.

Valorização do trabalho

Gelsilene da Silva revela que o objetivo da cooperativa é transformar realidades. "Algumas das mulheres que trabalham conosco foram vítimas de violência doméstica, queremos que elas aprendam a valorizar a si mesmas e o seu trabalho", destaca a coordenadora.

Vítima da ignorância do pai, que acreditava que mulheres não eram capazes de fazer nada além dos serviços do lar, Maria das Graças Carvalho, 60 anos, é uma das fundadoras da cooperativa. Conhecida como dona Graça, ela diz que o artesanato foi quase uma obrigação na infância. "Meu pai dizia que mulher não nasceu para estudar, somente trabalhar dentro de casa em benefício do marido", conta ela enquanto costura um tapete de retalhos. "Então minha mãe me ensinou o bordar com ponto cruz e aproveitar os retalhos para fazer tapetes", lem-

bra.

Para Ana Adelaide de Paula a "Mãos de Mulher" foi uma rota de fuga. O marido era violento e o artesanato surgiu como uma terapia. "Não sabia fazer nada, aprendi tudo aqui na cooperativa", relata. Ana Adelaide diz que a cooperativa surgiu como um lugar de inclusão, dando a ela uma profissão e acima de tudo valorização do trabalho que foi aprendido por ela. "A cooperativa é uma coisa muito boa, é quase uma terapia. Se não venho, passo mal", diz a artesã.

O projeto "Mãos de Mulher", segundo a presidente Ignez Gambin ainda não pode ser a única fonte de renda das mulheres cooperadas. "A cooperativa ainda não vende o suficiente para manter ninguém", diz. A única parceria que têm é com o Serviço Brasileiro de Apoio às Micros e Pequenas Empresas (Sebrae), que oferece cursos de capacitação e participação em feiras estaduais, nacionais e internacionais. "O Sebrae nos abriu grande espaço para a venda dos nossos produtos e proporcionou várias oficinas de capacitação", relata a presidente.

A arte do fuxico

Todos os produtos artesanais feitos na cooperativa têm como base principal o fuxico. Segundo Gelsilene Pereira, a base do fuxico surgiu como forma de aproveitar os retalhos que sobravam das costuras de outras peças. "Na cooperativa não usamos retalhos e os tecidos são de ótima qualidade, por isso algumas peças podem ter o valor mais elevado".

A coordenadora lembra ainda que o fuxico é um artesanato simples, mas que precisa de muita paciência. "O fuxico é feito apenas com linha, agulha e tiras de tecido, e é claro muita calma e paciência da artesã". Por este motivo, segundo ela, as mulheres procuram cada vez mais a valorização de suas peças, vendendo em feiras, aceitando encomendas de vizinhos e parentes ou até mesmo batendo de porta em porta para mostrar seus trabalhos.

Os preços dos produtos variam. O trabalho com fuxico tem preços que vão de 15 a 25 reais. "Já chegamos a vender produtos de 500 reais, uma colcha toda de fuxico, algumas pessoas acham caro, mas nossos produtos não são feitos com restos de tecidos como o fuxico", relata Ignez. As bolsas variam de 25 até 50 reais e além do fuxico são confeccionadas com retalhos, sementes da região, feitas inteiramente em couro vegetal.

O fuxico é utilizado também na customização de várias peças, desde tapetes, toalhas e panos de prato, até em bolsas, camisetas, portapraatos e necessários. "Se um cliente chegar e especificar cores, tamanhos e o material, fazemos o produto totalmente customizado", diz Gelsilene. Mesmo com o preço saindo um pouco mais alto, a coordenadora afirma que o trabalho é sim valorizado. "Acho que as pessoas começaram a entender que o que fazemos não é simplesmente costurar, mas fazer arte com nossas simples mãos", conclui.

FOTO WALCIMAR SILVA



O fuxico é feito apenas com linha, agulha e tiras de tecido.

FOTO WALCIMAR SILVA



Cooperativa "Mãos de Mulher" busca valorizar o trabalho das artesãs de Xapuri.

Primeiro ginásio coberto do Acre é esquecido pelo poder público

Ginásio Poliesportivo Álvaro Dantas está deteriorado e sem condições de sediar eventos esportivos

■ Walcimar Junior
Nathacha Albuquerque
Quésia Mello

A história e as luzes do ginásio Álvaro Dantas, aos poucos, são esquecidas pelo poder público. Com o piso de madeira remendado, telhas quebradas e lâmpadas queimadas, o mofo invade as antigas e desbotadas paredes. Ao redor da antiga construção, fezes espalhadas no chão, muros pichados e encanamentos expostos compõem a paisagem.

Sem o glamour dos anos 80, quando era palco de diversos shows, como o do Lobão e da banda Engenheiros do Hawaii, a quadra poliesportiva mais antiga de Rio Branco está danificada pelas ações do tempo e por falta de reformas.

O Ginásio Álvaro Dantas, conhecido como Ginásio Coberto, foi inaugurado em 1975, no bairro Aeroporto Velho, durante o governo de Wanderley Dantas. Adalberto da Silva, administrador do Ginásio há 30 anos, afirma que o principal fator para deterioração do espaço e principalmente do piso é a construção de abrigos para vítimas das enchentes. "Há oito anos seguidos, abrigamos vítimas das enchentes aqui na quadra. Com a construção dos banheiros provisórios, o piso fica sempre molhado, o que causa estragos na madeira", relata.

Responsável pela manutenção



Escola comunitária infantil funciona na quadra do Ginásio Álvaro Dantas

do lugar e agendamento de eventos, Adalberto faz reparos no piso por conta própria, pois teme que o espaço seja esquecido pela população. "Esta história precisa continuar. Não quero que a comunidade deixe de usar o espaço por falta de condições", argumenta.

Com a criação de novos espaços esportivos, o Ginásio que já recebeu exposições das seleções brasileiras de Basquete, Vôlei e Futebol de salão e um dos maiores jogadores de futsal do mundo, o brasileiro Falcão, ficou restrito a congressos religiosos, conferências políticas e "peladas" noturnas.

Para o administrador, a competição mais marcante que aconteceu no ginásio foi um jogo da seleção nacional de basquete, formada por atletas portadores de necessidades especiais. "Dediquei uma vida toda para este local. Nunca esqueci o jogo de basquete da seleção brasileira de cadeirantes. Ver este espaço que cuido, sendo usado por atletas tão especiais, me fez sentir útil de uma forma mais ampla", conta emocionado.

Risco aos atletas

Apesar das estruturas danificadas do Ginásio, as tardes são agitadas. Escolas comunitárias de esporte realizam seus treinos na antiga quadra de madeira. Entre as corroidas arquibancadas da praça esportiva, jovens ignoram os riscos e compartilham a alegria do esporte.

Indignada com o descaso por parte das instituições responsáveis, a atleta Suzi Neila Mendes, relatou que treina há quatro anos no Ginásio Coberto e durante este período não

houve nenhuma reforma significativa no local.

"O piso está deteriorado e a iluminação é muito ruim. Quando chove a quadra fica molhada, podendo ocasionar acidentes com os atletas. Temos uma escolinha de vôlei infantil que funciona aqui e as crianças têm menos equilíbrio. Eu mesma já caí diversas vezes", reclama a jogadora.

O professor da escolinha comunitária de vôlei A.D. Jotas Academia, Jânio Teles, reclama da situação da infraestrutura do ginásio. "Quando está chovendo, eu peço aos alunos que parem o treino. Os desníveis da madeira não prejudicam, no caso do voleibol, mas existem muitas goteiras, o que torna o piso perigoso, podendo ocasionar quedas", declara o professor.

Maria Rosaides, presidente da Federação Estadual de Handebol

(FACH), conta que desde 2011 não utiliza o ginásio para realizar campeonatos. "Em 2012, houve um atraso no calendário porque tivemos dificuldade para agendar as partidas. O Ginásio Coberto está em condições precárias. É perigoso para os atletas, principalmente do handebol, onde há constante contato dos jogadores com o piso", afirma.

Memórias apagadas

Aquele que já foi um dos principais pontos esportivos do Estado, o Ginásio Álvaro Dantas, em 38 anos de existência, vive o descaso. Mesmo sendo um local histórico para o estado, as memórias do ginásio foram apagadas por entre as falhas do seu velho piso de madeira. A última reforma completa aconteceu em 2000.

Segundo o secretário adjunto de esportes, Mauro de Deus, o ginásio é muito antigo e foi construído com os padrões exigidos na época. "Há 38 anos, o taco era o que existia de melhor em pisos desportivos. O espaço é antigo e foi construído em tamanhos oficiais da época, não pode ser ampliado".

"Mesmo após esta revitalização, o Ginásio não será adequado para competições oficiais. Está fora dos padrões exigidos. Mas nunca será esquecido pela comunidade. É uma importante e histórica área de lazer que será revitalizada", lembra o secretário.

Mauro de Deus conta que o projeto arquitetônico do local já está sendo feito, para que haja um levantamento dos recursos necessários para a revitalização do espaço. Entretanto, não há previsão para o início das reformas.



Aquele que já foi o principal ginásio do Acre está no escuro devido às lâmpadas queimadas



Goteiras e piso remendado representam riscos para atletas